



## Reavaliação da Obra de José Rodrigues Miguéis, *Léah e Outras Histórias*: Contos de Tradição e de Vivências

María Colom Jiménez<sup>1</sup>

Recibido: 1 de octubre de 2016 / Aceptado: 1 de diciembre de 2016

**Resumen.** En *Léah e Outras Histórias*, José Rodrigues Miguéis hace una crítica severa analizando la situación político-social del Portugal del siglo XX. Queda en evidencia que su exilio a los Estados Unidos en 1935, durante la dictadura de Salazar, no lo separó de la problemática portuguesa, sino que por el contrario, hizo que sus inquietudes se hicieran más latentes como escritor, mientras comparaba la democracia americana a la situación política en Portugal. En los cuentos de su colección *Léah e Outras Histórias*, Miguéis examina los diferentes choques culturales de sus protagonistas portugueses y los personajes que los rodean, reflejando estas diferencias en experiencias cotidianas, tales como enamorarse, ir al barbero, pasear por una gran avenida de Nueva York, entablar conversaciones con vecinos u otros inmigrantes.

Este estudio comenzará haciendo una pequeña introducción de la evolución del cuento como género narrativo en la historia de la literatura portuguesa. Se procederá a hacer un análisis de las narrativas en *Leah e Outras Histórias* como siendo reflejo de la complicada situación causada por las diferencias culturales vividas por el inmigrante o el exiliado. Se analizarán los enfrentamientos sociales o lingüísticos a los que se ven expuestos los individuos exiliados y cuáles son los mecanismos literarios utilizados por Miguéis para denunciar los distintos traumas. Veremos como el exilio físico de ciertos personajes se convierte también en exilio psicológico por la dificultad de adaptación a lo desconocido. Examinaremos como la tradición cultural portuguesa se contrasta con nuevas realidades sociales y como los problemas de interacción cultural son argumentados en estas narrativas. Mediante la creación de personajes complejos, José Rodrigues Miguéis es capaz de retratarnos de manera realista, los conflictos internos causados por la experiencia del exilio, y demuestra con ironía y sutileza como estos conflictos individuales son en el fondo universales.

**Palavras clave:** José Rodrigues Miguéis; cuentos; exilio; contrastes culturales; tradición; Portugal, lengua portuguesa.

[en] Reassessing José Rodrigues Miguéis, *Léah e Outras Histórias*: telling stories of tradition during a life in exile

**Abstract.** In *Léah e Outras Histórias*, José Rodrigues Miguéis, makes a harsh analysis and critic of the social and political problems latent in Portugal during the 20<sup>th</sup> century. It is evident that his exile to the United States in 1935, during Salazar's dictatorship, did not separate him from the Portuguese problematic but, on the contrary, made social concerns more vivid in his writing, as he compared American democracy to the Portuguese political situation. In the stories of the collection *Léah e Outras Histórias*, Miguéis examines the differences between the customs of the Portuguese exiled protagonists and the characters that surround them, and these are reflected in everyday experiences, like falling in love; going to the barber; strolling along an avenue in New York, or attempting conversations with neighbors and other foreigners.

<sup>1</sup> Dpto. de Filología Románica, Filología Eslava y Lingüística General. Universidad Complutense de Madrid  
Email: mcolomji@ucm.es

This study will start with a short introduction to the evolution of short narrative in Portuguese literary history. We will proceed by making a close examination of the narratives in *Leah e Outras Histórias*, as being mirrors of the complicated circumstances which are caused by cultural differences during emigration or exile. Analyzing the social or linguistic clashes which the exiled individual is confronted with when far away from home, and which literary mechanisms are used by Miguéis in order to report the different traumas. The study will also analyze how the character's physical exile sometimes gives place to internal exile due to their psychological nature and difficulty in adapting to new and unknown environments. We will study how Portuguese cultural tradition is contrasted with new social realities and how problems of cultural interaction are treated throughout the narratives. Through the complex characters in these narratives, José Rodrigues Miguéis is able to portray the true and realistic inner conflicts caused by exile, and how these individual conflicts are at the same time universal.

**Keywords:** José Rodrigues Miguéis; Short Narrative; Exile; cultural clashes; tradition; Portugal; portuguese language.

**Cómo citar:** Colom Jiménez, M. (2017). Reavaliação da Obra de José Rodrigues Miguéis, *Léah e Outras Histórias*: Contos de Tradição e de Vivências, em *Revista de Filologia Românica* 34.1, 91-102.

Ao traçar a evolução e desenvolvimento do género do conto na história da literatura portuguesa, trabalho anteriormente realizado por Massaud Moisés em *O Conto Português* (1975), rapidamente nos tornamos cientes de que a maior irrupção criativa deste género literário aconteceu durante os Séculos XIX e XX. Foi no percurso do Romantismo (1825-1865) que o conto como expressão narrativa começou a ser altamente cultivado, e é neste período que podemos enumerar um amplo elenco de excepcionais autores em língua portuguesa, que podem ou não ter recebido o reconhecimento internacional que lhes é merecido, nomeando somente alguns exemplos: Álvaro Carvalho, Almeida Garret, Pereira da Cunha, Rodrigo Paganino, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, Eça de Queirós, José Augusto Vieira e Júlio Lourenço Pinto. Este repertório de autores elevou o valor do conto como género narrativo e o tornou em expressão narrativa tão digna quanto os outros géneros literários. Às portas do Século XX, o Simbolismo (1900-1915) continuou a propagar este género, com representantes como Carlos Malheiro Dias. A primeira geração de Modernistas portugueses (1915-1927), a emblemática *Geração d'Orpheu* (Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, José de Almada Negreiros, Luís de Montalvor, entre outros), desenvolveu principalmente o género poético; contudo, Massaud Moisés distingue várias direções tomadas pelo grupo no que diz respeito ao conto: o conto policial desenvolvido por Fernando Pessoa, o conto lírico e o conto futurístico onde podemos tomar como exemplo a antologia *O Céu em Fogo* de Sá-Carneiro. Porém, foi entre 1927 e 1940, da mão da segunda geração de modernistas portugueses — grupo de intelectuais que criou e participou na revista *Presença* —, que o conto como forma de expressão criativa alcançou o seu maior reconhecimento, tornando-se no género de escolha de um grande número de autores.

O grupo da *Presença* dedicou especial atenção à prosa narrativa. E dentro dela o conto ocupou situação nada inferior: pode-se dizer que constitui o prato de resistência da ficção presencista. Na verdade, tirante um que outro exemplar (como *Páscoa Feliz*, 1932, de José Rodrigues Miguéis; *Jogo da cabra cega*, 1934, de José Régio; *Mau Tempo no Canal*, 1934, de Vitorino Nemésio), o presencismo não deixou no romance um rastro mais fundo. É no terreno da narrativa breve que a sua contribuição se tornou digna de nota: se o conto atingiu nos últimos decênios em Portugal um elevado grau de sutileza artesanal e uma vasta adesão de escritores e

público, - é graças a um movimento que se iniciou na *Presença* e nas mãos de seus adeptos ganhou níveis superiores, a ponto de alguns deles estarem situados entre os mestres no género em seu País. (Moisés 23)

A revista *Presença* (1927-1940) foi fundada durante o conflituoso contexto histórico no que se encontrava imerso Portugal a meados do Século XX e, como destaca Saraiva de Jesus, os intelectuais do grupo apoiavam uma estética artística que asseguravam situar-se à margem de qualquer situação ou conflito político-social:

A *Presença* denunciava o seu cepticismo relativamente aos ideais oitocentistas e republicanos numa visão apolítica da vida, procurando no metafisicismo e no introspeccionismo os fenómenos da existência humana indicativa de uma verdade intemporal, numa arte que se pretendia alheia a objetivos de intervenção político-social (Saraiva de Jesus, 2002: 220).

É precisamente neste contexto histórico e literário que encontramos José Rodrigues Miguéis (1901-1980), escritor que chegou a exclamar nas suas notas à terceira edição da narrativa *Onde a Noite se Acaba* (1946), que os autores da sua geração se encontravam em confronto com uma adversa situação político-social que provocou que vivessem muito como homens e pouco como escritores:

O escritor de hoje, que viveu quarenta anos, pode-se dizer que viveu muito como homem, e pouco como escritor. Nascido com o século, embalaram-no sonhos, promessas, ilusões; criança assistiu ao regicídio, ao delírio heroico da propaganda republicana, ao aluir miseríssimo de um tornado, ao que se julgava o fim de um mundo; e entre os fermentos (ainda hoje em carne viva) da reforma ortográfica, passou de enunciar os reis das várias dinastias, a citar os corifeus do novo regime. (Rodrigues Miguéis, 1960: 223)

Mesmo desde o exílio, Rodrigues Miguéis conseguiu tornar-se num dos mais relevantes contribuidores ao género do conto em língua portuguesa:

Outros vários, colaboradores ou não da *Presença*, deram a sua contribuição para tornar essa quadra especialmente rica de contistas. José Rodrigues Miguéis recolheu em *Onde a noite se acaba* (1946), *Léah e outras Histórias* (1958), *Gente da Terceira Classe* (1962), e *Comércio com o Inimigo* (1973), as suas narrativas curtas, resultantes da experiência pessoal e da observação mais atenta à realidade, não sem a cooperação da fantasia e de uma gravidade melancólica, profundamente lusitana, que nem o prolongado convívio com o meio cultural norte-americano (de marcada influência na formação do escritor) chegou a debilitar” (Moisés, 1975: 24)

Como destaca Massaud Moisés, as narrativas de Rodrigues Miguéis resultam da combinação perfeita entre a sua experiência e a observação minuciosa da realidade que o rodeia. Assim, “as suas narrativas curtas” são “resultantes da experiência pessoal e da observação mais atenta à realidade” (1975: 24). A esta estética devemos acrescentar como elemento narrativo próprio deste contista a utilização da fantasia, misturada sutilmente com a mais absoluta realidade que até chega a apanhar o leitor desprevenido. Todos estes processos são combinados com um tom melancólico

como elemento representativo tipicamente português que provoca um sentimento de saudade nos que o lemos estando longe da nossa pátria. “Sou apenas português”, exclama o protagonista de «Pouca Sorte com Barbeiros», um dos contos de *Léah e Outras Histórias*, publicado em 1958. Sem dúvida alguma, Rodrigues Miguéis é essencialmente português. Nasceu em Alfama (Lisboa) a 9 de Dezembro de 1901, onde passou a sua infância e adolescência e de onde obteve as memórias nostálgicas do povo português que mais tarde iriam marcar profundamente a sua obra: “na verdade, mesmo fora de Portugal, José Rodrigues Miguéis centrou os seus interesses na caracterização da vivência portuguesa, dentro e fora de Portugal” (Saraiva de Jesus 222). Seu pai, um emigrante galego de Pontevedra, era de ideias republicanas e Rodrigues Miguéis viveu desde criança imerso no conflituoso ambiente político e social que envolveu Portugal no Século XX. Rodrigues Miguéis entra rapidamente em conflito com o *Estado Novo* e a ditadura de António de Oliveira Salazar. Ambos períodos, a *Ditadura Nacional* 1926-1933 e o *Estado Novo* 1933-1974 envolveram Portugal no processo ditatorial mais longo da Europa ocidental durante o Século XX. Contudo, não é difícil encontrar na obra de Rodrigues Miguéis referências que enfatizam a situação político-social vivida em Portugal:

Acontece que o barbeiro da Graça, súbdito leal de suas majestades, não quisera perder o ensejo de saudar à chegada a Real Família. No terreiro do Paço, à passagem do magro e veloz cortejo, ele tinha aberto a boca para bradar Viva El-Rei! Quando uma bala perdida, entrando-lhe pelo céu da mesma, lhe furou a base do crânio para sair pelo olho direito. Foi uma bala prodigiosamente acrobata, disso não resta dúvida nenhuma. Ignorante da medicina legal, ao ouvir estes relatos macabros e sugestivos, limitei-me a pensar com horror nos perigos de andar de boca aberta a dar vivas, ainda que for à República, como era o meu costume. (Miguéis, *Léah*: 105)

A análise social e as restantes temáticas da sua obra tornam evidente que a emigração de Rodrigues Miguéis aos Estados Unidos em 1935 não o separou da problemática portuguesa; antes pelo contrário, tornou a sua preocupação social mais vívida na sua escrita, enquanto comparava provavelmente a democracia americana à situação política portuguesa. A denúncia do contista à falta de liberdade, tanto política como social, pode ser encontrada não só na sua obra, mas também, por exemplo, na carta dirigida a Mário Nevez em 1961, quando o autor afirma “Portugal dói!”:

Não entro em detalhes ociosos! Cada dia mais metido na concha... Portugal dói! – ainda mais cá fora, porque é na feroz concorrência com outros países, num meio gigantesco, que as nossas franquezas sobressaem mais: nas letras, na política, no turismo, no comércio... em tudo. (in Franco 47-65)

Não obstante não devemos considerar a obra de Rodrigues Miguéis como sendo uma obra política, mas pelo contrário é a preocupação pelas vivências do indivíduo e a análise psicológica ou até pedagógica do ser humano o que mais reluz da sua obra.

Sendo estudante de Direito na Universidade de Lisboa, Rodrigues Miguéis começou a colaborar em jornais e revistas. Participou na revista *Seara Nova* fundada em 1921, e junto a outros jovens intelectuais neorrealistas e revolucionários, colaborou na formação de um dos grupos mais ativos na luta ideológica contra o Salazarismo.

O contista chegou a publicar alguns dos seus primeiros contos e diferentes artigos relacionados com o tema da educação em *Seara Nova*. Rodrigues Miguéis rompe laços com o grupo *Seara Nova* em 1930, depois de um enfrentamento provocado por um artigo escrito por Castelo Branco Chaves. Durante os anos que passou como estudante também escreveu e ilustrou para outros jornais e revistas, nomeadamente, *O Sol*, *Alma Nova*, *República*, *O Século* e *Diário de Notícias*. Foi também editor do jornal *O Globo*, censurado pelo *Estado Novo* em 1933. Depois de se licenciar em Direito, trabalhou ainda durante algum tempo como promotor assistente em Setúbal, mas rapidamente decidiu mudar de linha de trabalho e, tendo ganho uma bolsa de estudos, foi estudar Pedagogia na Université Libre de Bruxelles. Foi durante os anos que viveu em Bruxelas que fez a sua estreia como escritor com a sua primeira novela *Páscoa Feliz* (1932), tendo por ela recebido o prémio da *Casa da Imprensa*. Após terminar a licenciatura em Pedagogia, regressa a Lisboa em 1933 para se encontrar com o recém-instaurado Estado Novo. Não foi até 1935 que Rodrigues Miguéis se decide autoexilar nos Estados Unidos, estabelecendo-se em Brooklyn, Nova Iorque e muito raramente regressando a Portugal. Em Nova Iorque foi membro da Hispanic Society of America e em 1942 obteve a nacionalidade americana.

O interesse de Rodrigues Miguéis pela cultura e a literatura americana não demorou em se fazer latente e a tradução de textos — da língua inglesa para a língua portuguesa — converteu-se numa das suas maiores ocupações. Traduziu a novela de Scott Fitzgerald *The Great Gatsby*<sup>2</sup>, entre outras:

Tal como já foi referido, o interesse de Miguéis pela cultura e pela literatura norte-americana é um facto várias vezes referido nas entrevistas concedidas em diversas fases da sua vida. Com recorrência, incluiu Carson McCullers, Scott Fitzgerald e Erskine Caldwell na lista dos escritores preferidos e que traduziu, incluso motivando os seus prefácios *Carson McCullers ou A Vitória da Comunicação* para *Coração, Solitário Caçador* e “*Scott Fitzgerald ou a Autodestruição Criadora* para *O Grande Gatsby*. (Franco 54)

Curiosamente, um dos maiores picos literários de Miguéis ocorreu depois do seu exílio nos EUA. Embora o autor escrevera principalmente utilizando a língua portuguesa, o contato constante com outras culturas e o exílio torna a sua literatura internacional, como aponta Raymond Sayers “(...) José Rodrigues Miguéis has lived in New Iorque almost continuously for thirty years. Before that he studied in Belgium and other parts of Europe. (...) more than that of any other contemporary Portuguese writer his fiction is international”. (Sayers, 1966: 258)

*Léah e Outras Histórias* é uma das suas coletâneas mais famosas e reconhecidas, um trabalho repleto de elementos e características próprias do exílio, da análise social e experiências humanas. Nestas histórias é fácil encontrar um protagonista masculino, de nacionalidade portuguesa, a viver em Bruxelas (onde o autor viveu enquanto estudante de Pedagogia), Nova Iorque (onde o próprio autor viveu até à sua morte em 1980) ou viajando ao longo de Portugal. Embora as personagens que nos são apresentadas por Rodrigues Miguéis são fictícias, estas histórias podem ser lidas considerando a possibilidade de que essas personagens e as suas experiências tenham alguns elementos autobiográficos, tendo em conta que as características e

<sup>2</sup> Miguéis, José Rodríguez, *O Grande Gatsby*. Ed. Presença. Lisboa, 1991.

sentimentos próprios do exílio se refletem nas circunstâncias dos seus narradores. «Léah», o conto com que se inicia a coletânea e que está ambientado em Bruxelas, relata a história de amor entre Carlos (um jovem cientista portuguesa) e Léah (uma criada francesa). Como estrangeiro, Carlos encontra muitas dificuldades em se adaptar ao novo e desconhecido ambiente, relembando Portugal com nostalgia. Esta jovem personagem desajustada, que tanto ansiava pela independência e liberdade, encontra-se perdida longe de casa; e são precisamente estas sensações, combinadas com a sua personalidade tímida e introvertida que não lhe permitem interagir com os outros e o fazem sentir-se deslocado: “tudo o que me apetecera me repugnava, e tudo me servia de pretexto para hesitar, esquivar-me, desistir. Caí no mais empedernido negativismo” (*Léah*, 1973:9). Rodrigues Miguéis utiliza as circunstâncias desta personagem para refletir acerca das carências e da condição humana do dia-a-dia, como, por exemplo, a liberdade, inadaptação, solidão, esperança, arrependimento, tristeza e nostalgia, misturando-as com simples verdades universais, “Por contraditório que pareça, só a presença de outros seres humanos acorda em nós as reacções que nos forçam a pensar, a mobilizar os conhecimentos, e a agir”:

Tinha levado anos a sonhar com a independência, que nunca usufruíra a meu gosto, e agora, senhor de mim, sentia-me de repente incapaz de usar dela. O “estrangeiro” desiludia-me aos primeiros contactos, e eu retraía-me. A verdade, não tardaria em sabê-lo, é que a liberdade pessoal e o sossego se pagam em solidão, tributo mais pesado. Por contraditório que pareça, só a presença de outros seres humanos acorda em nós as reacções que nos forçam a pensar, a mobilizar os conhecimentos, e a agir. (*Léah*, 1973: 8)

Quando Carlos e Léah começam a sua relação sentimental, o primeiro sente-se novamente ativo e inclusive o seu trabalho no laboratório melhora consistentemente. Neste momento da narrativa, o leitor percebe uma mudança positiva na personagem que rapidamente chega ao seu fim ao ver-se Carlos incapaz de continuar o relacionamento com Léah imediatamente depois de ela lhe propor fugirem juntos: “vamos a Paris, (...) Lá ninguém nos conhece. Podíamos ser tão felizes!” (*Léah*, 1973: 27). Para além da sua personalidade reservada, existem outros elementos psicológicos que impossibilitam Carlos de realizar a aventura com a mulher que ele sem dúvida ama; covardia, preconceito, diferenças culturais e a sua educação Portuguesa conservadora e repressiva são algumas das questões que Miguéis denuncia nesta história:

E sofria, Léah, porque tu tinhas perdido a pucelagem poucos meses atrás, certa noite no Bois de la Cambre, como se eu tivesse vindo ali, ou passado a mocidade à espera da tua frescura, para ser feliz, e de repente essa felicidade se me escapasse entre os dedos, ou se desfizesse como a miragem do deserto. (*Léah*, 1973: 18-19).

Mas que covardia, que expectativas, ambições, vaidades talvez me retiveram? A que esperanças, a que deveres ou ideias de deveres me deixei ser fiel? (...) Ri, ri da mansarada heróica que tu me propunhas, e era no fundo, talvez a mesma com que eu sonhava. Mas quem venceu dentro de mim, Léah, não foi o virtuoso, foi o covarde. (...) Eu não sabia exactamente o que queria ou esperava da vida, das minhas ainda confusas ambições. Viver para os outros... (*Léah*, 1973: 28)

Quando a história chega ao fim, o leitor apercebe-se de que se trata de muito mais do que de uma simples história de amor e de que os principais temas que Rodrigues Miguéis aborda são, na verdade, valores humanos e até, por vezes, o resultado cruel das nossas próprias ações. O profundo tratamento psicológico das personagens em «Léah» é um elemento facilmente encontrado em todas as histórias do autor. Esta característica das suas narrativas, mais do que qualquer outra, faz com que este autor português seja único na sua simples mas realista análise e interpretação da condição humana, como apontado por Sayers: “He is at his best when, as in this story and «Saudade para Dona Genciana», he writes with affection about simple, wholehearted people who give unstintingly of themselves to help others” (Sayers 258).

Por outro lado, as temáticas predominantes em torno à solidão, inadequação, frustração e a morte são latentes em «Pouca Sorte com Barbeiros», uma história que narra as experiências e traumas sofridos por uma criança de Lisboa sempre que visita o barbeiro. O trauma produzido pelo facto de ter de ir ao barbeiro persegue a personagem durante toda a sua vida, desde as visitas a barbeiros em Lisboa aos barbeiros aos que se vê obrigado a ir durante o seu exílio em Nova Iorque. Tanto em Lisboa como em Nova Iorque, onde o protagonista se encontra, os seus conflitos ou traumas como indivíduo são sempre os mesmos; a única circunstância que muda é a sua localização geográfica. Novamente, Rodrigues Miguéis retrata a imagem da condição humana, demonstrando que há características próprias de cada indivíduo que nunca mudam; que independentemente de onde nos encontrarmos, há certos aspetos da vida que são sempre vivenciados da mesma maneira, neste caso, as visitas ao barbeiro. Adicionalmente, o narrador, um estrangeiro em Nova Iorque, encontra-se rodeado de emigrantes italianos, alemães, espanhóis e alguns Portugueses. Em muitas das conversas que o narrador mantém com esses emigrantes, a língua é sempre um elemento que provoca conflito e frustração, impedindo ao mesmo tempo a adaptação do protagonista ao novo ambiente cultural. O emigrante, ou no caso desta história, o exilado, sofre grandes problemas de identidade linguística que o fazem sentir-se hostil perante o novo ambiente.

Tinha-me instalado certa vez na cadeira de um barbeiro, pronto a sujeitar-me a todos os suplícios, com o optimismo de quem se senta na cadeira eléctrica, quando o moço ítalo-americano, enquanto me manuseava as superstruturas capilares, me segredou de repente numa orelha desprevenida:

—Ya German, arnt ya?

E eu, que tenho passado por tudo quanto há neste mundo, menos português, respondi com enganosa vaidade:

—Pareço alemão, não é verdade?

—Ya bet!

—Pois bem, não sou.

Normalmente, a conversa teria ficado por ali. Mas não. Momentos depois, outro segredo:

—You Eyetalian?

Não, também não era italiano. Depois, sucessiva ou alternadamente, fui suíço, francês, norueguês, e até polack.

—Não sou nada disso – expliquei a sorrir.

O barbeiro, intrigado, foi tacteando o seu confuso mapa europeu, até que eu, cansado daquele imbróglia, suspirei:

—Não, sou apenas português!  
 E ele, recuando com assombro:  
 Oh..., ya Spanish?! “ (*Léah*: 113)

Para o povo português, que pertence a um país pequeno mas com uma identidade nacional pronunciada, o facto de ser confundido por espanhol pode chegar a ser frustrante. A anterior citação é um claro exemplo deste sentimento, assim como um dos equívocos que facilmente podem ocorrer devido ao desconhecimento e incompetência linguísticas. A frustração e a inadaptação dos emigrantes são retratadas em «Pouca Sorte com Barbeiros» através de sutis ironias e por vezes sátiras, tão oportunamente narradas por Rodrigues Miguéis. Esta ironia crítica encontra-se presente em muitos dos relatos do autor, sendo apenas mais um elemento que permite que os leitores desfrutem da sua forma de contar histórias, sempre e quando sejam capazes de compreender a natureza das personagens portuguesas e, também, o lado positivo ou cómico das potenciais diferenças culturais que podem surgir entre pessoas de diferentes nacionalidades e culturas. Estes conflitos sociais causados por mal-entendidos e confrontos linguísticos encontram-se latentes na excelente utilização da ironia, fazendo únicos os diálogos destas histórias dentro do género do conto português. O recurso a sutis ironias nas obras de Rodrigues Miguéis tem vários precursores na narrativa curta Portuguesa, como José Maria Eça de Queirós (1845-1900) como explica Sayers: “Another side to his work is his satire, which reminds us that, in spite of the international quality of his work and his vast culture, his traditions are Portuguese and that he is a worthy descendant of Eça de Queirós, the great nineteenth century novelist” (Sayers: 258).

Tendo em conta que José Rodrigues Miguéis devia provavelmente já ser bilingue quando escreveu *Léah e Outras Histórias*, pois vivia há 25 anos em Nova Iorque, é interessante notar que tanto esta coletânea, como as restantes obras do autor, estão escritas em língua portuguesa. Todos os seus narradores relatam as suas experiências em português, mesmo quando interagindo com americanos ou outros emigrantes. Nalgumas ocasiões, o ênfase na utilização da língua portuguesa por parte de personagens emigrantes alcança uma dimensão realista pelo facto de transcrever certas palavras do inglês para o português incorretamente, como apontado por Saraiva de Jesus: “Aliás, o incorrecto aportuguesamento de palavras inglesas é uma das notas de sabor realista utilizadas por José Rodrigues Miguéis quando se trata de representar emigrantes portugueses na América” (Saraiva de Jesus 2002: 231). Assim, através do uso da língua portuguesa, Rodrigues Miguéis afirma a sua identidade, enquanto reivindica também a identidade de toda uma cultura. A sua nostalgia, a saudade e as memórias de Portugal não podiam ter sido retratadas de forma mais certa. A utilização da língua portuguesa é para Rodrigues Miguéis a melhor maneira de voltar às suas raízes. A seguinte citação é um exemplo da nostálgica e quase poética descrição de uma rua de Lisboa em «Saudades para Dona Genciana», onde se pode palpar como o passado é glorificado e lembrado através da utilização da língua:

As casas, modestas e limpinhas, tinham fachadas de azulejo de mau gosto, outras eram pintadas a cor. Havia as <terras>, lotes vagos de barro viscoso onde a gente ia <reinar>, e as carroças se atolavam até os eixos, com muitas pragas dos carroceiros. As árvores eram frágeis e verdes, de mocidade e esperança. Que sossego o desses dias agitados! Isto não era Avenida, era a Rua do Lá-Vai-Um. O mundo acabava-se ali no redondel da praça (...) As noites uma paz. A brisa trazia lá de cima um cheiro fresco

de húmus, de estrumes, de águas e verduras. As meninas pensativas, cheias de Júlio Dinis e pescadinha frita, dedilhavam pianos langues, aguitarrados, com as janelas escancaradas, ou então escutavam pelas sacadas, em poupas leves, flutuantes, a voz dos Tenórios empregados em escritórios, gemendo o Fado nas ruas. (*Léah*: 210)

Assim como a paisagem portuguesa é descrita com nostalgia e saudade, a cidade de Nova Iorque é descrita desde uma perspectiva de futuro e esperança. Ambas as cidades são glorificadas nas narrativas do contista com descrições realistas e precisas, sendo que o enorme contraste entre as duas não é um facto desencorajador, mas pelo contrário esclarecedor para as suas personagens. Apesar de Lisboa ser a sua terra natal, Nova Iorque é uma cidade que o autor admirava, e as suas personagens chegam, como ele, a se sentir em casa do outro lado do Atlântico. Os primeiros confrontos culturais vividos pelos seus narradores longe de casa são por vezes atenuados pelo conforto e atração que os mesmos sentem relativamente à nova e ‘extravagante’ cidade, que, a seu tempo, chegarão a admirar.

A meio deste contraste a leste e oeste, a ilha verde e vermelha do seminário presbiteriano ocupa todo o «bloco» em frente: relvados de veludo, grandes árvores frondosas, agora nuas, a graça austera do gótico inglês de imitação, na pedra e tijolo com a *patine* de Nova Iorque – grande massa de edifícios harmoniosos na sua irregularidade estudadamente livre, domina por uma alta torre severa, de universidade rural. (*Léah*, 1973: 61)

Por um lado, o poeta português Fernando Pessoa fez referência à fusão entre país, raízes e língua materna, afirmando num trecho do *Livro do Desassossego* que: “Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa”; por outro lado, Massaud Moisés afirma o seguinte sobre a utilização da língua portuguesa nas obras de Rodrigues Miguéis, “O culto a sua língua materna faz com que o homem se sinta inteiro no seu sentimento do mundo” (Moisés, 1975: 26). Na verdade, a língua é um dos elementos que faz com que o indivíduo tenha sensação de pertencer a uma cultura, de ter um passado e uma pátria. Por esta razão, muitos escritores exilados apreciam mais do que nunca a sua língua nativa quando longe da pátria, utilizando-a, sempre que possível, para justificar a sua nacionalidade e as suas raízes. As narrativas de José Rodrigues Miguéis revelam um extraordinário uso da língua através da combinação, na mesma história, do discurso português comum, de vocabulário emigrante e do português culto, assim como de um discurso mais complexo e intelectual, adaptando esta linguagem a qualquer circunstância dialética e a diversos tipos de personagens. Também é de salientar o domínio de outras línguas para além da sua língua materna por parte do autor. Em muitas das suas narrativas, Miguéis cria jogos linguísticos, não só com palavras e expressões em inglês, mas também demonstrando conhecimentos de francês e italiano. A combinação destas línguas não só enriquece os textos, mas também os torna mais internacionais e acessíveis a um público mais amplo.

Noutros contos, o leitor poderá encontrar personagens no exílio confrontados com sentimentos de confusão e angústia. É o caso do protagonista de «O Natal do Dr. Crosby (Do Diário dum expatriado)», no qual um escritor português exilado em Nova Iorque escreve num diário, durante o mês de dezembro, as suas primeiras sensações e experiên-

cias. A desorientação e angústia sofridas pelo narrador revelam-se novamente através de conflitos linguísticos, assim como através da inadaptação ao próprio espaço geográfico. Em primeiro lugar, o narrador descreve o contraste entre a pequena cidade de Lisboa e o imenso espaço de New Iorque, parecendo admitir que não se encontra realmente satisfeito em nenhuma das cidades, “queremos sempre estar do outro lado”:

A meio deste contraste a leste e oeste, a ilha verde e vermelha do seminário presbiteriano ocupa todo o «bloco» em frente: relvados de veludo, grandes árvores frondosas, agora nuas, a graça austera do gótico inglês de imitação, na pedra e tijolo com a *patine* de Nova Iorque – grande massa de edifícios harmoniosos na sua irregularidade estudadamente livre, dominada por uma alta torre severa, de universidade rural. Em pleno coração de Manhattan, dá-me a grata impressão de estar do outro lado. (Queremos sempre estar do «outro lado»...). (*Léah*, 1973: 61)

O narrador no exílio é forçado a viver num prédio de apartamentos em Brooklyn, rodeado por vizinhos extravagantes e barulhentos com quem, num primeiro momento, a coexistência é verdadeiramente difícil. Neste momento surge mais um choque cultural, sublinhado pela oposição entre a natureza tranquila e serena da personagem e os seus vizinhos americanos: “Exuberante, impulsiva, à primeira vista um quase nada de pancada na mola: conversa ou representa” (*Léah*, 1973: 84).

A dificuldade do protagonista em se adaptar a esta cultura diferente e em comunicar com os outros habitantes transforma o seu exílio geográfico num exílio interior e pessoal, passando longas horas fechado no seu apartamento sem sequer se relacionar com os seus vizinhos, que se esforçam por interagir com ele. Esta negativa em se relacionar com os outros provoca que, mesmo estando rodeado de pessoas, se sinta completamente sozinho. A desorientação e a ansiedade causadas por este novo ambiente vêm-se enfatizadas pelo facto de que o protagonista é escritor de profissão e se sente criativamente bloqueado, não sendo capaz de escrever. No entanto, há sempre luz no fundo do túnel para as personagens de Miguéis e, após algum tempo, o narrador de «O Natal do Dr. Crosby» deixa de se sentir desorientado e começa a relacionar-se com alguns vizinhos, chegando a jogar um papel ativo na comunidade ao termo da história.

Como contraponto da frustração sentida pelos indivíduos nas narrativas de Miguéis quando se encontram perante os diferentes problemas próprios da emigração e do exílio, o leitor depara-se também com indivíduos que, ao regressar à sua pátria, se sentem igualmente frustrados por se notar alheios depois de terem vivido tanto tempo noutro país. Como consequência das suas circunstâncias de vida, estas personagens terminam por se sentir sempre como exilados independentemente de onde se encontrarem. Este é o caso do protagonista de «Regresso à Cúpula da Pena», uma história na qual a personagem principal narra o seu regresso a Lisboa após ter passado vinte anos noutro país, encontrando-se extremamente desapontado por se sentir estrangeiro na sua própria cidade.

Tinha partido daqui vinte anos antes, guardando disto tudo uma imagem estática, cristalizada, que só para mim era viva e actual, pois conservá-la era preservar a própria pele e manter-me idêntico a mim mesmo; e via agora com espanto que o que trazia comigo era apenas um remalhete de flores murchas, um cadáver conservado de que urgia libertar-me. A minha vida tinha sofrido um corte em dado instante do passado, era como um *still* de cinema, antiquado e risível. (...) Sofria,

assim, como um indivíduo que, olhando-se no espelho, não reconhece a sua própria imagem. (*Léah*, 1973: 107).

Quando o narrador chega à estação de comboio procura algum rosto familiar, esperando que alguém o reconheça para se poder sentir em casa. Na sua ânsia por encontrar algo de familiar na cidade, a personagem é ironicamente confundida como sendo um turista americano:

Alguém! Alguém que me reconhecesse e restituísse, me reatasse na continuidade minha e das coisas. (Não como aquele ardina da véspera, a quem eu tinha pago o jornal com uma moeda de prata: o garoto olhou para o dinheiro, assombrado, levou dois dedos à boina, fez uma cabriola e piscou-me o olho: «OK, American!» - Vinte e tal anos de amor fiel, e vem um garoto esperto, um génio de observação, e chama-me estrangeiro com todas as letras!). (*Léah*, 1973: 108)

Lisboa agora é apenas o conjunto de lembranças que ele mantivera enquanto vivia no estrangeiro. Depois de subir ao comboio em direção a Sintra e caminhar até o Palácio da Pena, o narrador começa a deixar de se sentir como um estranho e, através de uma epifania, relembra o passado, de seguida atingido por um forte sentimento de nostalgia. No final do conto, as visitas do protagonista a Lisboa e Sintra servem para que ele se aperceba de que o passado nunca retornará, que tudo mudou, que até ele próprio mudou. O passado idealizado apenas permanecerá inalterado na sua memória: “Bom, bom, não se fala mais nisso. Quem morreu, morreu. Enxuguei o suor da testa e levantei-me para lhe dar um beijo: tinha os olhos húmidos. Só então senti que o passado estava morto, e eu definitivamente reintegrado” (*Léah*, 1973: 122).

Como analisado nas diferentes histórias, o tratamento e a evolução da psicologia humana estão presentes em todos os textos de Miguéis, trazendo à luz os aspetos mais profundos do ser humano e misturando-se com verdades universais. Os estrangeiros desorientados não só sofrem por causa dos confrontos culturais, mas também como indivíduos como consequência dos seus próprios conflitos pessoais. A convivência dos protagonistas com outras personagens torna-se mais fácil quando os primeiros evoluem individualmente e, pouco a pouco, vão adquirindo experiência e autoconhecimento. José Rodrigues Miguéis é comparado com o escritor russo Dostoiévski, precisamente pelo tratamento psicológico da natureza humana. William B. Edgerton insiste sobre essa possível influência no seu artigo «Spanish and Portuguese Response to Dostoevskij» (1981): “The Russian associations in the life and works of José Rodrigues Miguéis make such an interesting story that they ought to be given more detailed treatment in a special paper”.

In a brief auto biological sketch he recalls that he began reading the Russian authors in his twenties, and that “Dostoevskij left irreparable scars which not even the reading of Tolstoj could remove”. The chief product of these Dostoevskian scars, by Miguéis’ own account, is his remarkable little first novel *Páscoa Feliz* (Happy Easter), published in 1932 (...) In this novel Miguéis explores a typically Dostoevskian situation in which the protagonist commits a series of acts that appear to fly in the face not only of traditional standards of morality but even of common sense and self-interest (Edgerton, 1981: 447).

Nos contos da coletânea *Léah e Outras Histórias*, Rodrigues Miguéis examina as diferenças entre os costumes dos seus protagonistas portugueses e as personagens que os rodeiam, e estas são exemplificadas em experiências cotidianas, como apaixonar-se; visitar o barbeiro; passear por uma avenida de Nova Iorque ou a iniciar conversas com os vizinhos e outros estrangeiros. Desta forma, José Rodrigues Miguéis demonstra a universalidade da vida cotidiana. Qualquer indivíduo pode sofrer traumas, sentir-se sozinho, isolado ou com saudades do passado. Lendo estes contos, o leitor pode chegar a sentir-se identificado com algumas das personagens e as suas circunstâncias ou, pelo menos, chegar a compreender exatamente o que elas vivem. O exílio físico das personagens pode dar lugar por vezes ao exílio interior como consequência da sua natureza e da dificuldade de adaptação a ambientes desconhecidos. A cidade de Nova Iorque é caracterizada desde uma perspetiva crítica, mas sempre revelando a grande afeição que o autor sente pela cidade que o acolheu durante o seu exílio e até a sua morte. Por outro lado, a cidade de Lisboa é sempre descrita com nostalgia, permanecendo como uma memória intacta da sua infância e juventude. Lisboa é sempre o passado; enquanto Nova Iorque é sempre o presente e o futuro. A cultura portuguesa não só se revela através da utilização da língua portuguesa, mas também no temperamento e tratamento psicológico das personagens criadas pelo contista. As histórias de José Rodrigues Miguéis atravessam fronteiras e são capazes de nos guiar através de Portugal e dos seus costumes, sendo capazes de nos fazer sentir que estamos a coexistir com o povo português, apesar de que, ao ler os contos, geograficamente nos encontremos todos em Nova Iorque.

## Bibliografia

- Edgerton, William B., *Spanish and Portuguese Response to Dostoevskij*, *Revue de littérature comparée*, 55:3/4 (1981:juil./déc.). p.419-438.
- Franco, Ana, *José Rodríguez Miguéis: Um escritor sorri à tradução com meia cara*. Babilónia n.º.6/7 p. 47-65.
- Kerr, John Austin, Jr. *Some Considerations on Rodrigues Miguéis's "Léah"*, *World Literature Today*, 51:2 (1977:Spring) p.220.
- Miguéis, José Rodrigues, *Léah e outras Histórias*. Ed. Estampa, Lisboa, 1975.
- , *Léah e outras histórias*. Círculo de Leitores, Lisboa, 1973.
- , *Onde a Noite se Acaba*. 3ª edição, Editorial Estampa, Lisboa, 1960.
- , *O Passageiro do Expresso*. 3ª edição, Editorial Estampa, Lisboa, 1960.
- , *Steerage And Ten Other Stories*. Gávea-Brown, Brown University. Providence, 1983.
- Moisés, Massaud, *O Conto Português*. 6ª Ed. Pensamiento Cultrix, São Paulo, 1975.
- Neves, Mario, *José Rdrigues Miguéis : Vida e Obra*. Ed. Caminho. Lisboa, 1990.
- Saraiva de Jesús, Maria *O Neo-Realismo e a visão da pobreza na obra de José Rodríguez Miguéis*. *Máthesis*: 11 2002 217-239.
- Sayers, Raymond S., *Twenty-five Years of Portuguese Short Fiction*, 3:2 (1966: Winter).
- Villaverde Cabral, Manuel, *The Seara Nova Groupo (1921-1926) and the Ambiguities of Portuguese Liberal Elitism*, *Portuguese Studies*, 4 (1988) p.181-195.